

O DIABO ESTÁ ENTRE NÓS? Reflexões sobre a figura do diabo cristão no espaço religioso maranhense na segunda metade do século XIX.

ISA PRAZERES PESTANA¹

INTRODUÇÃO

Característica marcante das sociedades são as transformações – políticas, econômicas, sociais e culturais. Dentre elas se encontra, também, a religião que surge e muda juntamente com a história, mas que carrega um sentido mais duradouro em meio às mudanças mais intensas que ocorrem na vida dos indivíduos e das comunidades.

Tendo em vista essas mudanças é que este trabalho busca refletir sobre a figura do diabo cristão na segunda metade do século XIX no espaço religioso maranhense, e suas imbricações que possibilitaram que a Igreja Universal do Reino de Deus, no século XX, construísse o seu discurso religioso pautado na guerra contra o Diabo.

QUEM É O DIABO?

O diabo é um símbolo imagético que possui diversos sentidos e significados, essa figura tem sua historicidade e, portanto farei uma breve genealogia.

Segundo Nogueira (2000), foram os hebreus que instituíram a noção da figura do diabo, a qual foi sendo modificada com o decorrer dos séculos. Inicialmente, não existia para os hebreus uma necessidade de corporificar a figura do diabo, pois acreditavam que o seu Deus (jahveh) era mais poderoso que os deuses das tribos vizinhas e estes já seriam a representação maligna, a qual deveria ser combatida, “Porque o Senhor é Deus poderoso; é Rei poderoso acima de todos os deuses. Ele reina

¹ Mestranda em História pela Universidade Federal do Maranhão – UFMA.

sobre o mundo inteiro, desde as cavernas mais profundas até os montes mais altos” (Salmos 95: 3-4). Os diversos contatos entre os judeus e outros povos, como caldeus e persas, decorrentes de constantes invasões e cativeiros, exerceram influência no despertar dos judeus para a entidade maligna, pois na tradição religiosa desses povos havia o grande combate entre figuras que representavam o bem e o mal.

Segundo Oliva (2005), a igreja medieval iria identificar a face do Diabo com a dos oponentes políticos e doutrinários da religião cristã, que fora um fenômeno plural em seus primórdios, vai se transformando em uma expressão religiosa que passa a excluir as manifestações que venham divergir do que a hierarquia da igreja estabelece como sendo correto dogmaticamente. Na disputa entre a igreja medieval e as divindades do “outro”, a primeira saiu vencendo e as demais foram se alojar no inferno, local onde não poderiam concorrer com a teodiceia cristã.

Nogueira (2000) diz que nos tempos modernos o Diabo triunfou na imaginação das pessoas no mundo ocidental, sobretudo, quando a imprensa permite difundir com mais rapidez e detalhes tratados, opiniões, imagens etc.

Laura de Mello e Souza (1986), afirma que “foi, portanto, no início da Época Moderna, e não na Idade Média, que o inferno e seus habitantes tomaram conta da imaginação dos homens do Ocidente”. Também a divisão no seio da igreja ocidental no início dos tempos modernos iria reforçar a necessidade e a concretude do Diabo. Tanto a reforma protestante como a reação católica romana àquela iriam precisar do Diabo para justificar o seu esforço de levar salvação aos “gentios”.

O Diabo iria fincar suas raízes na cultura brasileira. Mesmo para além do período colonial, Satã iria marcar sua presença. Este personagem está presente na IURD dos dias de hoje com algumas características do passado (semi-dualismo do cristianismo antigo, demonização do outro, como no período medieval, triunfante como tem acontecido desde a modernidade). Mas também com seus aspectos peculiares, o Pai da mentira está fundamentalmente identificado com o catolicismo romano e com a umbanda e é o grande causador da miséria humana.

A FIGURA DO DIABO NO CENÁRIO RELIGIOSO MARANHENSE NO FINAL DO SÉCULO XIX

No século XIX várias religiões se instalaram no Brasil, criando preocupação para a mais antiga e oficial que era a Igreja Católica, que procurou preservar seu espaço

de religião com maior número de adeptos entre a população brasileira. Dentre essas religiões que aqui se instalaram, estava um novo conceito filosófico que era o Espiritismo, que logo despertou grande preocupação das autoridades da hierarquia católica.

Segundo Carvalho Netto (2011:284), “Para o espírita, o espiritismo é uma religião, uma filosofia e, sobretudo, uma ciência”.

Entre essas duas doutrinas religiosas estabeleceu-se um confronto em vários aspectos: como o político, médico e judicial, tendo todos como base principal a questão doutrinária. No final do século XIX, espíritas e católicos construíram um discurso de defesa de suas prerrogativas e, ao mesmo tempo, de ataque ao oponente.

Segundo Muniz (2013), não há um registro de quem trouxe o Livro Espírita para o Maranhão, mas “(...) deduzimos que tenha chegado através dos jovens estudantes e de intelectuais da alta sociedade maranhense que retornavam da Corte ou da Europa, em especial da França, trazendo consigo por volta de 1880 os ideais kardecistas, que irrompeu na sociedade maranhense amplamente católica (...)”.

No jornal “A Civilização”, no ano de 1882, divulgou-se o que seria o impacto dos livros espíritas e da sua prática em nosso estado:

Censuram-nos porque acreditamos seja o diabo uma realidade, quer as páginas do Evangelho e as da história de todos os povos; mas ele (a Pacotilha) se não crê no diabo, sabe ao menos que o Espiritismo é coisa péssima e de perniciosos efeitos. Ao menos neste ponto estaremos d'acordo, isto é, que convém arredar o povo de tal pajelança; nós combatemos o espiritismo em seus efeitos – a loucura. (A CIVILIZAÇÃO, 10/jun./1882. APUD CARVALHO NETTO, 2011).

Percebemos que vinda da doutrina espírita foi duramente criticada e sofreu ataques durante os últimos anos do século XIX, com as constantes repressões da Igreja Católica, porque estas práticas eram contrárias às doutrinas ordenadas pelo Vaticano, postura essa imposta no papado de Pio IX, conhecidas como ultramontanismo (CARVALHO NETTO, 2011) tratando o espiritismo como loucura, charlatanismo, coisa do demônio e prejudicial ao cristão.

A Igreja Católica interessava-se na conversão ao catolicismo e outras crenças eram vistos como obstáculos aos planos de ampliação de seu poder. Para tanto vários argumentos religiosos foram utilizados para caracterizar as religiões de matriz africana, como a desqualificação social atribuindo aos rituais um caráter demoníaco.

Segundo Reis (2010), a intolerância para com as práticas das religiões de matriz africana não se restringiu a pequenas cidades do Estado do Maranhão (como foi

o caso de Caxias e Codó), mas dominava as preocupações da elite brasileira no final do século XIX e início do século XX. Logo, ressalta Reis (2010), se as religiões africanas no Brasil, conseguiram sobreviver e se desenvolver, reelaborando-se e interpenetrandose à religião oficial, não conseguiram de todo escaparem da ação repressora da Igreja e do Estado.

Com a abolição da escravidão (1888) e a constituição republicana de (1891) não se garantiu a liberdade religiosa dos cultos afro-brasileiros, mas certamente permitiram mais liberdade a essas comunidades. Por muito tempo os negros escravos e libertos praticaram seus cultos religiosos às escondidas e foram duramente perseguidos por isso. Há inúmeros relatos² em documentos de denúncias, geralmente fazendo menção a essas práticas dos negros como rituais de magia negra, adoradores do demônio e onde ocorriam até sacrifícios humanos e logicamente iam contra a tranquilidade e moral das pessoas.

Por conseguinte, as religiões de matriz africana foram vistas como o reverso do moderno, e na intenção de “embranquecer”, “civilizar” a sociedade, as ações de perseguição aos terreiros, carregavam as ideias da época: eugenio, modernidade, civilidade.

O Protestantismo Histórico, aqui entendido como os grupos que se originaram da Reforma Protestante do século XVI, segundo Campos (2011: 40) “(...) já havia aprendido a ‘pensar com os demônios’; isto é, a usar a demonologia para pensar o mundo.”.

O discurso sobre o diabo dentro do protestantismo de missão não era coeso, percebe-se nos jornais publicados na época “Imprensa Evangélica”, “O Expositor Cristão”, o Papa era tido como o demônio, porém segundo Campos (2011:70) “(...) o Diabo, como conceito ou personificação do mal era utilizado entre os presbiterianos com parcimônia”.

Os presbiterianos chegaram ao Maranhão na segunda metade do século XIX e o seu desenvolvimento segundo Santos (2006:149) “(...) suas apropriações culturais e seus conflitos com o catolicismo não aconteceram desvinculados da conjuntura mais ampla. (...) o protestantismo maranhense refletiu (...) os sentidos do ser evangélico na sociedade brasileira”.

² Caso de Amélia Rosa ver FERRETTI. Mundircamo (org.), Pajelança do Maranhão no século XIX, o processo de Amélia Rosa. Ela foi acusada de práticas de magia negra e por isso foi presa várias vezes, antes e após a instalação da República.

Devido à rationalização desse segmento religioso (Protestantismo Histórico), utiliza-se esporadicamente a figura do diabo na segunda metade do século XIX.

Por conseguinte, percebe-se que o Catolicismo demoniza o Espiritismo e os Cultos de Matriz Africana para legitimar seu lugar no espaço religioso maranhense. E o protestantismo histórico, em específico a Igreja Presbiteriana utiliza-se vagamente da demonização para criticar e a Igreja Católica. A definição de quem é o diabo depende do local que o discurso sobre essa figura é proferido.

O DISCURSO DA IURD E A GUERRA CONTRA O DIABO

A IURD é a principal representante das igrejas neopentecostais e apresenta um grande crescimento, gerando incomodo em grupos de cristãos históricos e fazendo um combate aberto a elementos das religiões brasileiras de origem africana, já tendo, inclusive, ocorrido invasões de terreiros e perseguição a líderes das religiões afros na Bahia e no Rio de Janeiro (FERRARI, 2007: 111). Boa parte da notoriedade da IURD se deve aos vários escândalos que esteve envolvida, entre eles acusações frequentes de vilipêndio religioso e agressões a participantes da Umbanda, como também o episódio protagonizado pelo Bispo Sérgio Von Helle, que ficou conhecido como “chute na Santa”. Assim, é uma igreja conhecida por reavivar o clima de intolerância no campo religioso brasileiro.

Característica marcante da IURD é a ênfase na guerra contra o diabo, identificado com os cultos afro-brasileiros³. A Universal em São Luís não foge dessa característica. A data precisa da vinda da IURD para São Luís não é determinada, mas iniciou seu trabalho nesta cidade por volta de 1985. Possui cerca de 20 templos⁴ na capital, em locais estratégicos e de fácil acesso, contribuindo para a sua divulgação. Tem o seu Templo Maior⁵ localizado na Rua Oswaldo Cruz, número 1600, no centro da

³ Cultos afro-brasileiros: engloba uma variedade de manifestações religiosas existentes no Brasil, algumas originadas há muitos anos de religiões africanas tradicionais, outras organizadas no Brasil há algumas décadas, onde os cultos a entidades espirituais africanas, o transe mediúnico e a integração de elementos do catolicismo são bastante conhecidos. Entre elas podem ser citadas: o Candomblé, surgido na Bahia e hoje encontrado em muitas cidades brasileiras. (FERRETTI, Mundicarmo. As Religiões Afro-Brasileiras no Maranhão. Boletim da Comissão Maranhense de Folclore de número 22 de 2002).

⁴ Segundo endereços encontrados na Listel 2014.

⁵ O Templo Maior da IURD é a sua Igreja principal (sede) no Estado, local onde acontecem as grandes concentrações de fiéis e onde os principais líderes realizam os cultos.

cidade, próximo às paradas de ônibus, facilitando a locomoção e a frequência de seus fiéis.

Em São Luís, a IURD seguiu as diretrizes das demais igrejas, de acordo com o centralismo da cúpula que a caracteriza. Os templos da Universal são abertos, em sua maioria, em tempo integral, oferecendo orações para todos que procuram o seu serviço religioso.

O embate entre a IURD e os cultos afro acontece através de depoimentos de fiéis, bem como dos seus ministros, tendo como palco os templos e os programas de televisão que podem ser encontrados no Jornal Folha Universal⁶, bem como livro *Orixás, caboclos e guias* escrito por Edir Macedo, líder da IURD, obra que circula no país desde a década de 80, basilar para a compreensão do discurso iurdiano acerca das questões como o diabo, o mal, o sofrimento e as religiosidades afro-brasileiras. A importância de estudá-la se dá pelo fato de ser paradigmática e polêmica, doutrinária, e matriz das práticas e dos discursos da IURD e também para se perceber as mudanças já ocorridas desde o lançamento do livro até hoje no discurso da IURD.

Para a melhor compreensão do discurso da IURD será trabalhada a noção de representação. Mas, o que envolve a noção de representação?

“A representação não é uma cópia do real, sua imagem perfeita, espécie de reflexo, mas uma construção feita a partir dele. A representação envolve processos de percepção, identificação, reconhecimento, classificação, legitimação e exclusão”. (PESAVENTO, 2003:40).

As representações podem incluir os modos de pensar e de sentir, inclusive coletivos, mas não se restringem a eles. Segundo Dosse (2003:270), “Roger Chartier situa o novo espaço de pesquisa no cruzamento entre uma história das práticas socialmente diferenciadas e uma história das representações que tem como objetivo dar conta das diversas formas de apropriação”.

Duas noções centrais são apontadas acima, apropriação e representação. Para Chartier a apropriação visa uma história social dos usos e das interpretações, relacionados à suas determinações fundamentais e inscritos nas práticas específicas que os produzem. E

⁶ A Folha Universal surgiu em 1992 e tem como slogan “Um jornal a serviço de Deus”. É um jornal semanal que tem mais de um milhão de exemplares de tiragem, demonstrando a sua importância nas atividades da Igreja. Sua temática é bastante diversificada, como: esporte, política, utilidade pública, economia, notícias internacionais, a palavra do Bispo Macedo, medicina e saúde, folha mulher, programação cultural, turismo, casos incríveis (depoimentos de fiéis) e propagandas em geral. O jornal também possui uma versão digitalizada no www.folhauniversal.com.br.

a representação designa o modo pelo qual em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade é construída, pensada e dada a ler por diferentes grupos sociais (DOSSE, 2003).

As representações são também portadoras do simbólico, ou seja, dizem mais do que aquilo que mostram ou enunciam, carregam sentidos ocultos, que, construídos social e historicamente, se internalizam no inconsciente coletivo e se apresentam como naturais, dispensando reflexão.

Em primeiro lugar, é bom lembrar que a visão da IURD sobre as religiões afro-brasileiras é consequência do desenvolvimento do sistema teológico e doutrinário do pentecostalismo, surgido no Brasil no início do século XX, sobretudo a partir das décadas de 1950 e 1960, período que surge o Deuteropentecostalismo⁷.

O que leva a IURD a associar os cultos afro-brasileiros ao diabo e a atacar esses cultos que segundo o Censo (2010), representam cerca de 0,3 % da população brasileira⁸?

É notório que esses valores (0,3%) são subestimados, pois existem muitos indivíduos adeptos tanto das religiões afro quanto do catolicismo. O ataque a essas religiões vai além de uma estratégia proselitista junto às populações de baixo nível socioeconômico; visa antes de tudo monopolizar seus principais bens no mercado religioso, como as mediações mágicas e a experiência do transe religioso, transformando-os em um sistema de significados interno à IURD.

A IURD ao confirmar e identificar a existência de demônios que na sua visão são as entidades das religiões afro-brasileiras e se utilizar dos símbolos dessas religiões está ficando cada vez mais parecida com esses cultos. Mas a diferença entre ambas é que na visão da IURD ela adora a Deus e as religiões afro-brasileiras adoram os demônios. Mas, segundo SILVA (2005) o que existe são trocas simbólicas entre essas religiões.

O livro *Orixás, caboclos e guias*, faz uma análise sobre os demônios e as maneiras com que eles agem na vida das pessoas, fazendo uma denúncia das manobras satânicas através do Kardecismo, da Umbanda, do Candomblé. O livro foi escrito tanto

⁷ Pesquisadores, como Ricardo Mariano (1999), começaram a ordenar o pentecostalismo em três categorias, para melhor analisá-los, levando em consideração a dinâmica histórico-institucional e as mudanças ocorridas na mensagem religiosa, o Deuteropentecostalismo é a segunda categoria, tendo como uma de suas principais características a cura divina. Como exemplo, cita-se a Igreja “Deus é Amor” (São Paulo, 1962) e a Igreja “Brasil Para Cristo” (São Paulo, 1955).

⁸ MARIANO, Ricardo. Mudanças no campo religioso brasileiro no censo 2010. Debates do NER, Porto Alegre, ano 14, n. 24, p. 119-137, jul./dez. 2013.

para os frequentadores da Igreja Universal quanto para membros de outras denominações religiosas.

A obra analisada é a 15^a edição datada de 2002, contendo em sua capa a imagem do orixá Oxalá (paramentado de branco) sobre um fundo vermelho e preto (cores de Exu), tendo à sua frente a estátua de um caboclo⁹ e de São Jorge, fios de contas, guias¹⁰; ao centro, uma caveira é rodeada por velas acesas em círculo. Tratando-se de uma montagem de peças de vários cultos afro, como o Candomblé¹¹, a Quimbanda¹², a Umbanda¹³, na forma estilizada de um despacho, contendo um poder imagético bastante sugestivo.

A frase escrita na capa do livro que diz: “mais de três milhões de exemplares vendidos” chama a atenção, pois confirma a ideia de que o livro rompe o campo da IURD e se espalha por demais denominações, bem como a utilização ou reapropriação de práticas do mercado para atrair o consumidor (fiel ou não da IURD).

Ainda na capa, uma frase que chama atenção: “Finalmente liberado pela justiça!”. Este livro foi a julgamento no Tribunal Federal da Bahia (1º Região), tendo uma decisão liminar de 1º instância anterior que havia determinado a retirada de circulação, a suspensão de tiragem, venda, revenda e entrega gratuita do livro, o que foi confirmado, também liminarmente, pelo Desembargador Federal do TRF, Sousa Prudente. De acordo com os argumentos do Ministério Público, estaria a lesar, dado o conteúdo do escrito, direito dos adeptos das religiões afro-brasileiras e da sociedade como um todo, transmitindo mensagens preconceituosas, além de estimular a intolerância religiosa dos seguidores da IURD.

O livro, ainda de acordo com a acusação, incitava a discriminação, transmitindo a ideia de que as práticas religiosas de origem africana seriam condenadas pelo texto bíblico e de que seus adeptos somente teriam salvação se mudassem de credo.

⁹ Caboclo: entidade que representa o índio brasileiro ou as populações mestiças das áreas rurais. (Silva, Vagner Gonçalves. Candomblé e Umbanda. Caminhos da devoção brasileira. SP: 1994. Editora Ática)

¹⁰ Guia: Colar de contas que representa uma entidade. (Silva, Vagner Gonçalves. Candomblé e Umbanda. Caminhos da devoção brasileira. SP: 1994. Editora Ática)

¹¹ Candomblé: religião de matriz africana, da nação Iorubá. Trazida ao Brasil pelos africanos escravizados na época da colonização brasileira, predomina no estado da Bahia. Tem como principais divindades os orixás.

¹² Quimbanda: culto afro-brasileiro desmembrado da macumba, mas fiel a tradição bantu, geralmente confundida com a magia negra por trabalhar principalmente com os exus.

¹³ Umbanda: a umbanda, como culto organizado segundo os padrões atualmente predominantes, teve sua origem por volta das décadas de 1920 e 1930, quando kardecistas de classe média, no Rio de Janeiro, São Paulo e Rio Grande do Sul, passaram a mesclar com suas práticas elementos das tradições religiosas afro-brasileiras, e a professar e defender publicamente essa “mistura”, com o objetivo de torná-la legitimamente aceita, com o status de uma nova religião. (Silva, Vagner Gonçalves. Candomblé e Umbanda. Caminhos da devoção brasileira. SP: 1994. Editora Ática)

No julgamento, entendeu-se que a obra de fato contém expressões e mensagens preconceituosas, mas que deveria prevalecer à liberdade de pensamento aventada pelo artigo 5º da Constituição que diz “Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à igualdade, à segurança e à propriedade.” Sendo previsto em parágrafos do supracitado artigo, a liberdade de pensamento e a liberdade religiosa. O magistrado Leão Aparecido relata que a questão suscitou um descompasso entre os artigos da constituição, enquanto se defende a liberdade de expressão e se proíbem apologias de cunho racial, contudo, o autor do livro tem direito garantido pela Constituição de expressar seu pensamento e, ademais, a obra estaria escrita a um grupo de interessados, ligados àquela Igreja. Porém, nota-se que o livro ultrapassa as barreiras da Igreja Universal, sendo lido por pessoas de outras denominações. A decisão de liberar a circulação do livro se reportou também ao fato de que ele circula desde a década de 80.

No início do livro há uma dedicação especial “a todos os pais-de-santo e mães-de-santo da nossa pátria”, mostrando que a leitura da obra não se reduz ao campo dos membros da IURD.

Em seu prefácio, cujo autor não é identificado, aparece a seguinte declaração:

De parabéns o bispo Macedo e o povo em geral por esta obra de tão grande esclarecimento. Nossos pêsames para o diabo e seus demônios pela grande perda. Ele, que já está derrotado, vai espernear, estrebuchar e se levantar com todas as suas forças contra o bispo e a Igreja, mas, mesmo assim, terá de dedicar muito tempo para contabilizar as suas perdas.

Esta citação mostra um dos objetivos do livro que é o esclarecimento acerca da figura do diabo e sua legião, bem como a guerra declarada pelo bispo e pela IURD contra o diabo.

Na introdução do livro Macedo faz a seguinte declaração:

(...) sempre desejei colocar em um livro toda a verdade sobre os orixás, caboclos e os mais diversos guias, que vivem enganando as pessoas e, fazendo delas ‘cavalos’, ‘burrinhos’ de ‘aparelhos’, sendo que Deus as criou para serem a Sua imagem e semelhança (p.9).

Esta frase demonstra que Macedo se sente “portador da verdade” sobre as religiões e suas práticas, tendo como base para esse pensamento uma passagem bíblica, repetida inúmeras vezes no livro, de João 8.32,36 “(...) e conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará. Se, pois, o Filho vos libertar, verdadeiramente sereis livres.”.

O livro analisado possui duas ideias centrais: o discurso sobre o demônio que engloba o primeiro capítulo ao décimo quarto capítulo e o discurso da IURD sobre a libertação que engloba o décimo quinto capítulo ao vigésimo capítulo da obra, nesse artigo será analisado somente o discurso sobre o demônio.

Para Macedo,

Os exus, os pretos-velhos, os espíritos de crianças, os caboclos ou os ‘santos’, são espíritos malignos sem corpo, ansiando por achar um meio de se expressarem neste mundo, não podendo fazê-lo antes de possuírem um corpo humano, dada a perfeição de funcionamento dos seus sentidos (p.16).

Percebe-se nesta citação um dos pilares doutrinários da Igreja Universal que é a guerra contra o diabo ou as forças do mal. Se os exus, pretos-velhos, caboclos entidades dos cultos afros são “espíritos malignos”, logo quem os cultua é alvo da guerra espiritual proposta pela IURD.

A teologia da Igreja Universal é dualista, ou seja, divide-se entre o bem, representado por Deus e o mal, representado pelo diabo. Sendo que nesse embate (Deus x Diabo) já está à vitória assegurada a priori para Deus. Para ilustrar, os seguintes trechos do livro de Macedo, “Deceptionaram-se ao constatar que os mais fortes ‘protetores’ com quem contavam, não passavam de demônios que, na igreja, caíam de joelhos e obedeciam às ordens do dirigente da reunião”. (p.17) ou “Impressionaram-se ao ouvir dos próprios orixás e caboclos confessarem diante da multidão que não passam de demônios, cuja missão é enganar, arrasar e destruir os seus ‘cavalos’”. (p.17).

Qual motivo ou motivos que levam a IURD a combater tão fervorosamente os cultos afros e outros cultos mediúnicos? Segundo sua teologia o universo é dividido em dois reinos, o reino material e o reino espiritual, sendo que as forças do reino espiritual (Deus ou o diabo) agem no reino material. Para Macedo, o diabo e seus seguidores agem no reino material por meio dessas religiões, de seus adeptos e de outros meios, para levar os seres humanos à perdição. Daí a premente necessidade de combatê-los.

A guerra proposta pela IURD é uma das suas diferenças teológicas das demais denominações pentecostais:

Exacerbar a pregação da guerra espiritual, enxergar a presença e a ação do Diabo em todo lugar e em qualquer coisa e até invocar a manifestação de demônios nos cultos são crenças e práticas que distinguem teologicamente, ainda que em termos de ênfase, (...), as igrejas neopentecostais do pentecostalismo clássico e, em menor grau, do deuteropentecostalismo (MARIANO, 1999:113).

Macedo, no primeiro capítulo, conceitua o Demônio, “um demônio é uma personalidade; um espírito desejando se expressar, pois anda errante procurando corpos para possuir para, através deles cumprir sua missão maligna”(p.16). Em um artigo Ele também conceitua o demônio, que seria:

*O demônio é um ser que procura afligir toda sorte de doenças, misérias, desgraças, etc. ele personifica o mal e nos é apresentado como espírito sem corpo, sexo ou dimensões. Pelo fato de não possuir corpo, vive tentando apossar-se daqueles que não têm proteção à sua disposição.*¹⁴

A noção de Macedo é similar com a de Kolakowski (1977:5) que diz, “O demônio é uma criatura racional, incorpórea, e tem por objetivo, fundamentalmente, a maldade, ou seja, é dominado inteiramente pelo desejo de fazer o mal”.

Segundo Macedo essa entidade (o demônio) por ter vontade própria e também um forte desejo de se expressar no mundo material tende a enganar as pessoas, ele confirma essa ideia no trecho, “Na nossa Igreja, temos centenas de ex-pais-de-santo e ex-mães-de-santo, que foram enganados pelos espíritos malignos durante anos a fio”. (p.17).

Por conseguinte, aparecem, através do livro *Orixás, caboclos e guias*, deuses ou demônios? Bem como através de artigos publicados na Folha Universal que a IURD, por meio do seu líder (Macedo), tem um discurso, aqui entendido como representação, que condena as religiões afro-brasileiras, por identificá-los com o mal (diabo). Porém, ela se utiliza de práticas dessas mesmas religiões, bem como do espiritismo e do catolicismo, através do sincretismo e da apropriação dessas práticas.

Através dessas fontes, a IURD fornece uma “pedagogia” em que se aproveita de termos dos cultos afro-brasileiros, retratando-os em seu próprio benefício. Essa “inversão” de significados, que também é uma “versão”, só faz sentido quando se conhece o que se inverte. Porém, ambas (inversão e versão) dependem uma da outra para ampliar seus significados e afirmam suas identidades por contraste.

CONCLUSÃO

Embora inferências mais diversas e mais aprofundadas vão surgir em relação a essa temática, visto que a pesquisa encontra-se em construção, esse artigo leva a algumas conclusões, embora não definitivas, percebe-se que o Catolicismo demoniza

¹⁴ Folha Universal, edição 16, 12/07/1992.

o Espiritismo e os Cultos de Matriz Africana para legitimar seu lugar no espaço religioso maranhense e o protestantismo histórico, em específico a Igreja Presbiteriana utiliza-se vagamente da demonização para criticar e a Igreja Católica. Percebe-se também que a definição de quem é o diabo depende do local que o discurso sobre essa figura é proferido. O processo de demonização de outros segmentos religiosos não é uma criação da Igreja Universal, pois já ocorria no espaço religioso maranhense do século XIX.

A Igreja Universal através do seu discurso consegue, por meio da apropriação das práticas de outras religiões, guardar o antigo e incorporar o novo em suas representações e nas suas práticas religiosas, mantendo dessa forma um vínculo simbólico entre o passado do fiel e seu presente, tornando o seu discurso de fácil entendimento e aceitação. Apesar de a IURD entender os cultos afro-brasileiros como demoníacos e identificá-los com o mal ela se utiliza das suas práticas, bem como dos seus símbolos para criar e legitimar o seu discurso, através de um processo de inversão de significados, criando dessa maneira uma versão comprehensível por parte dos seus fiéis ou futuros membros que têm conhecimento desses símbolos.

REFERÊNCIAS

CARREIRO, Gamaliel da Silva. FERRETTI, Sergio Figueiredo. SANTOS, Lyndon de Araújo. (orgs) *Religiões e Religiosidades no Maranhão*. São Luís: EDUFMA, 2011.

CARVALHO NETTO, Carlos Alberto de. A ciência do espírito: aspectos da identidade espírita no Maranhão. In: CARREIRO, Gamaliel da Silva. FERRETTI, Sergio Figueiredo. SANTOS, Lyndon de Araújo. (orgs) *Religiões e Religiosidades no Maranhão*. São Luís: EDUFMA, 2011.

CAMPOS, Leonildo Silveira. Os Protestantes tradicionais e seus demônios: uma reflexão sobre o Diabo como personificação do mal e sua influência nos mecanismos de estigmatização, acusação e intolerância presentes na retórica religiosa brasileira. In: CARREIRO, Gamaliel da Silva. FERRETTI, Sergio Figueiredo. SANTOS, Lyndon de Araújo. (orgs) *Religiões e Religiosidades no Maranhão*. São Luís: EDUFMA, 2011.

DOSSE, François. *O império do sentido: a humanização das ciências humanas*. Bauru. SP: EDUSC, 2003.

FERRARI, Odêmio Antonio. Bispo S|A-A Igreja Universal do Reino de Deus e o exercício do poder. SP: Editora Ave-Maria, 2007.

MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. São Paulo. Loyola, 1999.

MARIANO, Ricardo. Mudanças no campo religioso brasileiro no censo 2010. *Debates do NER*, Porto Alegre, ano 14, n. 24, p. 119-137, jul./dez. 2013.

NOGUEIRA, Carlos Roberto F. *O diabo no imaginário cristão*. Bauru. SP: EDUSC, 2002.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História e História Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

SILVA, Wagner Gonçalves. *Concepções religiosas afro-brasileiras e neopentecostais: uma análise simbólica*. *Revista USP*, n° 67. setembro/novembro 2005.

SANTOS, Lyndon de Araújo. *As outras faces do sagrado: protestantismo e cultura na primeira república brasileira*. São Luís: EDUFMA; SP: Ed. ABHR, 2006.

SOUZA, Laura de Mello e. *O diabo e a Terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade no Brasil colonial*. SP: Cia. Das Letras, 1986.

KOLAKOWSKI, Leszek. *O diabo*, verbete da Editora de ciências sociais .Einaudi,1977.